

### 3. A pergunta pela linguagem

#### A essência da poesia

O texto mais importante de Heidegger sobre a poesia é o ensaio de 1936 intitulado “Hölderlin e a essência da poesia”. Logo no início do texto, Heidegger refere-se a Hölderlin como o poeta da poesia, pois nos seus versos o poeta poetiza a própria essência da poesia. E a Heidegger interessou sempre pensar a proximidade entre poesia e pensamento. Ainda nos anos vinte ele escreve numa carta endereçada a Hannah Arendt: “Passo muito tempo com Hölderlin e, por toda a parte, você está perto de mim.”<sup>1</sup> Essa declaração indica a proximidade do jovem pensador com o poeta. É claro que aqui o fato de ser um jovem pensador não significa exatamente inexperiência, pois neste momento Heidegger já elaborava a sua obra-mestra<sup>2</sup>, mas trata-se, sobretudo, do começo de um caminho. Portanto, a proximidade do pensador com o poeta atravessou quase duas décadas até que Heidegger pudesse realmente travar um diálogo com a poesia.

Heidegger entendeu, em meados dos anos trinta, que, assim como fez o poeta, à sua maneira, ele também precisava pensar a essência da poesia. Mas o filósofo sabia que para isto seria preciso iniciar um verdadeiro diálogo com Hölderlin.<sup>3</sup> Todavia, durante muito tempo a filosofia manteve-se apartada da poesia. O conflito entre poesia e pensamento termina de forma trágica quando Platão, no livro X da *República*, expulsa os poetas da *polis* alegando que a poesia está três vezes afastada da verdade. A poesia de acordo com Platão ilude servindo apenas para enganar e confundir o homem e, por isso, não deveria ser ensinada àqueles que precisavam promover a justiça na cidade.<sup>4</sup> É incrível que isto possa

---

<sup>1</sup> ARENDT, H., HEIDEGGER, M., *Correspondência 1925/1975*, p. 14.

<sup>2</sup> Trata-se de *Ser e tempo* publicado em 1927.

<sup>3</sup> Este diálogo, como vimos no capítulo anterior, tem início com as interpretações dos hinos “Germânia” e “O Reno” por ocasião de um curso ministrado no inverno de 1934-35.

<sup>4</sup> Para Platão, o artista é um criador de aparências e suas obras estão três vezes afastadas da verdade. No livro X da *República*, o Filósofo explica que há três tipos de cama: uma que existe na natureza das coisas e é a idéia de cama; a segunda do marceneiro que imita a idéia de cama; e uma

ter acontecido com um pensador que era também um poeta, em todo caso, desde então, a filosofia caminhou apartada da poesia. E, para Heidegger, a metafísica sempre carregou esse fardo. Talvez o esquecimento e o abandono do ser guarde certa relação com esse afastamento. Maria Zambrano em *Filosofia y Poesía* diz que neste momento o homem se cindiu em dois. Para ela, é impossível encontrar o homem inteiro na filosofia e também não é possível fazê-lo na poesia: “Na poesia encontramos o homem concreto, individual. Na filosofia, o homem em sua história universal, em seu querer ser. A poesia é encontro, dom, graça. A filosofia, busca, exigência guiada por um método.”<sup>5</sup> Em *Filosofia y Poesía*, Zambrano também manifesta a dupla necessidade irrenunciável da poesia e do pensamento e ao mesmo tempo vislumbra uma saída para o conflito.

Mas, voltando ao ensaio “Holderlin e a essência da poesia”, acreditamos ser necessário para a discussão do tema da poesia abordar duas questões que parecem se destacar no texto. A primeira delas diz respeito à terceira palavra-guia, oriunda de um poema inacabado de Hölderlin, que diz: “Muito conhecem os homens. Pelo nome chamaram muitos dos celestes, desde que somos um diálogo e podemos ouvir um ao outro.”<sup>6</sup> Para Heidegger, o diálogo é portador de nossa existência. Por sua vez, a liberação da existência encontra-se na liberação das possibilidades extremas do discurso, a saber, o ouvir e o silenciar. Desse modo, o diálogo não se esgota de modo algum no exercício da fala e, nem mesmo é a escuta uma conseqüência da fala, pelo contrário, o poder ouvir é condição necessária para tal, pois só quem sabe ouvir poderá também dizer. Entretanto, o homem só pode ouvir se puder também silenciar de outro modo permanece no âmbito da comunicação numa atividade verbal repetitiva e reflexa.

Contudo, é visando a liberação, ou, como diz Heidegger em *Ser e tempo*, existir tornando possível a possibilidade que é a morte, que o poeta ao dizer a palavra essencial nomeia pela primeira vez o ente. Benedito Nunes em *Passagem para o poético* afirma que a angústia nos tolhe a palavra e, por outro lado, o

---

terceira do pintor que é a imitação da imitação. O pintor está, portanto, três graus afastado da verdade, assim como todos os poetas, já que a verdade está no mundo das idéias perfeitas, eternas e imutáveis e o mundo sensível é imperfeito por ser uma cópia das idéias perfeitas. Sendo assim, o pintor está longe da verdade pois modela os objetos seguindo apenas a uma parte deles que não passa de uma sombra e por isso não possui qualquer conhecimento da verdade ainda que consiga iludir a todos com uma imagem perfeita. Da mesma maneira, a poesia ilude e serve apenas para enganar e confundir o homem, e, assim sendo, deve ser esta banida da *polis*.

<sup>5</sup> ZAMBRANO, M., *Filosofia y Poesía*, p. 13.

<sup>6</sup> HEIDEGGER, M., Hölderlin y la esencia de la poesía, *Arte Y Poesia*, p.126.

falatório evita a angústia.<sup>7</sup> Porém, é na linguagem cotidiana que a princípio o homem se encontra junto ao mundo. Em *Ser e tempo*, o ente que, na existência cotidiana, está no mundo não é o *Dasein* existindo autenticamente em vista dele próprio, mas sim, o ente disperso na gente. O *Dasein*, enquanto caído, evita o seu próprio poder ser e refugia-se no falatório, na curiosidade ou no equívoco. Portanto, na maior parte das vezes o homem encontra-se refugiado no falatório como linguagem instrumentalizada. No entanto, o estranhamento que caracteriza a angústia arrasta o homem para o seio do silêncio. E só então o homem pode finalmente ouvir. Com isso, pode-se dizer que o fato de sermos um diálogo significa, ao mesmo tempo, que somos também um silêncio.

Gadamer no ensaio “Heidegger e a linguagem” diz que sempre estamos antes de tudo envolvidos pelos rastos da própria vida e preenchidos pela totalidade de nossas lembranças e esperanças. De acordo com ele, o mistério da linguagem é a sua abertura. Heidegger traduziu a palavra grega *aletheia* por desvelamento. No entanto, os primeiros gregos tiveram o pressentimento da essência originalmente privativa da verdade já que a palavra grega *aletheia* designa o que foi subtraído (*a*-privativo) à ocultação. Dessa maneira, a interpretação de Heidegger mostra que em todo desvelar já existe sempre um velamento, ou seja, aquilo que se descobre e que estava velado também é ao mesmo tempo preservado como o que é abrigado na medida em que retorna à palavra. Portanto na palavra algo está abrigado. Desse modo, a palavra sempre se lança para além da perspectiva conceitual e nós só podemos nos aproximar verdadeiramente da linguagem quando pensamos no diálogo. Assim, no diálogo com o Hölderlin, Heidegger pôde compartilhar não apenas da penúria lingüística, mas também da visão de uma nova convivência.

De fato, somos um diálogo quando podemos ouvir uns aos outros. No entanto, o filósofo também afirma que: “Ser um diálogo e ser histórico são ambos igualmente antigos, se pertencem um ao outro e são o mesmo.”<sup>8</sup> Nesse sentido, o diálogo é um acontecimento temporal, por isso Hölderlin não diz simplesmente que somos um diálogo mas sim: “desde que somos um diálogo.” Desde que silenciemos diante da angústia que se dá com a antecipação da própria morte somos o próprio tempo pois só então o tempo se desgarra e irrompe em presente,

<sup>7</sup> NUNES, B., *Passagem para o poético*, p. 194.

<sup>8</sup> HEIDEGGER, M., Hölderlin y la esencia de la poesía, *Arte Y Poesia*, p.135.

passado e futuro. E só então o poeta pode dialogar com o passado e testemunhar o seu próprio tempo. Este diálogo que se inicia é a poesia, pois é nela que a escuta e a palavra estão profundamente relacionadas: “ Antes de tornar-se um dizer, ou seja, um pronunciamento, a poesia é na maior parte de seu tempo escuta.”<sup>9</sup> Só assim é possível dizer algo que antes não havia sido dito. Por isso, no dizer poético há um autêntico começo.

Daí temos a quarta palavra-guia que se encontra nos versos do poema “Lembrança”<sup>10</sup>: “E os poetas fundam o que permanece”. Segundo Heidegger, esta palavra ilumina a pergunta acerca da origem da poesia. A essência da poesia deve ser compreendida como instauração do ser com a palavra. Porém sabemos que o ser nunca é um ente e que, por isso, o ser e a essência das coisas não podem ser calculados e nem representados como objetos, mas devem ser livremente criados. Esta doação é instauração. Entretanto, o que dizem os poetas é instauração não somente no sentido de uma livre doação, pois, para o filósofo, a existência humana é poética em seu fundamento.

Mas afinal o que significa nomear? Se quisermos refletir sobre a poesia precisaremos descer a uma dimensão mais profunda, na qual a palavra ainda nos mostra a sua força doadora.

### O sentido fundamental da palavra Λόγος.

Para responder à questão apresentada acima, torna-se necessário nos voltarmos para os pensadores iniciais. Como sabemos, Λόγος é uma das palavras fundamentais do pensamento de Heráclito, e, por isso, Heidegger procura pensar a palavra sob a guia do fragmento 50 de Heráclito que diz:

Se não me haveis escutado a mim mas o sentido, É sábio dizer no mesmo sentido: *um* é tudo.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> HEIDEGGER, M., A linguagem na poesia, *A caminho da linguagem*, p.59.

<sup>10</sup> A última estrofe do poema diz: “E agora para Índia/ Partiram os homens/Além, do ventoso promontório/ Junto aos montes de vinhedos, de onde/ Desce o Dordonha /E juntando-se ao esplendoroso/ Garona em amplidão marítima/ O caudal termina E o mar/ Tira e dá memória, / E também o amor se apodera em fim dos olhos. / E os poetas fundam o que permanece.” Poema traduzido por Maria Teresa Dias Furtado em Friedrich Hölderlin, *Hinos de Hölderlin*, p, 118-123.

<sup>11</sup> οὐκ εμοὶ ἀλλὰ τοῦ Λόγου ἀκούσαντας/ ὁμολογεῖν σοφόν ἐστιν Ἐν Πάντα. A tradução de Emmanuel Carneiro Leão em *Fragments* de Heráclito diz: “Auscultando não a mim, mas o Logos, é sábio concordar que tudo é um.”

De acordo com Heidegger, o Λόγος de Heráclito foi interpretado de muitas maneiras, mas, primeiramente e antes de tudo, como *Ratio* ou razão. No entanto, o homem sempre se esqueceu de pensar de onde provém a essência da razão. É do λέγειν que depreendemos o que é λόγος . Por sua vez, temos que λέγειν em grego significa dizer e falar. Entretanto, segundo Heidegger, igualmente cedo e de modo ainda mais originário, λέγειν diz o mesmo que *legen* em alemão e *legere* no latim, a saber: colher e apanhar. E, a toda colheita, pertence sempre um recolher que acolhe; daí tem-se o traço fundamental da colheita, ou seja, o abrigar. Mostra-se assim que o pôr ao abrigo muito antes de ser a última etapa de uma colheita a atravessa e a rege de uma ponta à outra e, desse modo, constitui a sua essência. Logo, é possível concluir que o falar da Linguagem, que vige no λέγειν como *legen*, não se determina pela articulação de sons e nem muito menos pela significação. Portanto, a compreensão do verbo λέγειν só pode ser atingida completamente quando examinamos este verbo associado ao verbo ouvir que lhe é correspondente.

Ora, se o dizer não se define pela articulação de sons, o ouvir não poderá consistir em se apreender o som. Sobre a escuta, segundo Heidegger, pouca coisa pode ser dita. Porém é certo que para o pensador a escuta só se torna possível quando pertencemos ao apelo que nos traz a fala. Há toda diferença entre a simples captação do som e a ação de se pôr à escuta pelo simples fato de que o ouvir autêntico é, sobretudo, um recolhimento. Estas afirmações visam indicar que o Λόγος é, nas palavras do filósofo, “o recolhimento originário de uma colheita original a partir de uma postura inaugural.”<sup>12</sup>

Assim Heráclito começa a sentença , dizendo que uma escuta em sentido próprio só acontece quando o homem se mantém numa pertinência obediente ao Λόγος, isto é, o verdadeiro ouvir nada mais é do que obediência ao λόγος. Então pode-se concluir aqui que a escuta pertence ao λόγος. Por outro lado, quando ocorre uma escuta em sentido próprio entendida como όμολέγειν acontece ο σοφόν em sua propriedade. É neste sentido que Heidegger afirma que quando há uma escuta verdadeira acontece propriamente um destino, e, então, ο λέγειν dos mortais se sintoniza com ο Λόγος e se empenha pela postura recolhedora: “Assim

---

<sup>12</sup> HEIDEGGER, M., *Logos, Ensaio e conferências*, p. 190.

pois quando os mortais levam à plenitude uma escuta verdadeira, há decerto um envio sábio.”<sup>13</sup>

No entanto, para Heidegger, ainda não é possível saber o que seja Λόγος. Para isto é preciso seguir a sentença de Heráclito até o fim. E, de acordo com ela, Λόγος diz: “um é tudo”. Todavia, *Ev Πάντα* fala, sobretudo, do vigor em que o Λόγος vige e se dá, ou seja, nomeia a manifestação da essência do Λόγος à maneira como este manifesta o seu ser, a saber, o Uno unindo Tudo.

Ao analisar esta sentença, o pensador procurava a essência original do Λόγος. Como vimos, λόγος e λέγειν dizem primeiramente colher e recolher. Entretanto, sabemos que o traço fundamental da colheita é o abrigar. Ora, se, no fragmento 50, o ato de unir manifesta a essência do Λόγος, temos aqui a confirmação de que só o sentido original de λέγειν ilumina e, ao mesmo tempo, permite compreender o modo como o Λόγος se manifesta no *Ev Πάντα*, pois a união do λέγειν não se reduz a um mero ajuntamento nem a uma composição das oposições. Desse modo, a meditação explicitada acima permite precisar a natureza dessa unidade, já que o *Ev* unifica reunindo e reúne deixando o disponível dispor-se como tal em seu todo, no recolhimento.

Por outro lado, a representação atual da linguagem encontra-se muito distante daquilo que teriam intuído os pensadores iniciais ao se depararem com o Λόγος. Mas o que acontece quando chega à linguagem o ser dos entes, os entes em seu ser, quando a diferença de ambos chega à linguagem *como* diferença? Para Heidegger, levar à linguagem é abrigar o ser na essência da linguagem. E é possível presumir que algo assim tenha se dado quando o Λόγος se tornou a palavra-chave do pensamento de Heráclito; embora o próprio Heráclito nunca tenha pensado esta essência. Ao invés disso, os gregos representaram a linguagem foneticamente, mas, ainda assim, no início do pensamento ocidental, “ a essência da linguagem explodiu, como um relâmpago, na luz do ser; outrora, quando Heráclito pensou o Λόγος, como palavra-chave, a fim de, nela, pensar o ser do sendo.”<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Ibid., p.192.

<sup>14</sup> Ibid., p. 202.

## A questão da linguagem

O que caracteriza desde o princípio a questão da linguagem é a ausência de uma reflexão acerca de sua essência. De acordo com Heidegger, nem os pensadores iniciais pensaram acerca da linguagem. Assim ele diz no texto da conferência sobre o Logos de Heráclito: “Mas o relâmpago se extinguiu de repente. E ninguém lhe apanhou um raio sequer e nem a proximidade do ser que nele se iluminou.”<sup>15</sup> Para o filósofo, foi no início do pensamento ocidental que a linguagem explodiu como um relâmpago, exatamente nas palavras destes pensadores iniciais, principalmente quando falamos de Heráclito e Parmênides. Trata-se, portanto, de tentar atingir a origem, sobretudo, apontando para ela a fim de conseguir de fato pensar o impensado.

De acordo com Marlène Zarader, neste momento, a linguagem no seu todo foi experimentada a partir do dizer, e este dizer adveio, no âmago da língua grega, como recolhimento, ser e presença. E é este o acontecimento que atravessa e rege toda a nossa relação com a palavra.<sup>16</sup> O dizer não é primeiramente uma manifestação fonética de um conteúdo, mas sim fazer aparecer. Assim diz Gadamer em um ensaio sobre pensamento e poesia: “O que há de propriamente misterioso na linguagem é o fato de ela deixar ver, de modo que algo se apresenta.”<sup>17</sup> Mas, para Heidegger, isto não é uma exclusividade da língua grega, tanto que no alemão também é possível perceber este traço da palavra quando se constata que dizer, *sagen* em alemão, deriva de *sagan* que significa mostrar. Temos aqui então que o dizer é em primeiro lugar um mostrar antes de ser conteúdo semântico, ou seja, é antes todo o aparecer que assenta no mostrar do dizer.

Todavia este fazer aparecer nada mais é do que um desvelamento que, como vimos anteriormente, foi como Heidegger traduziu a palavra grega *aletheia*. É neste sentido que fazer aparecer é o mesmo que deixar ser, pois em todo desvelar já existe sempre um velamento, ou seja, aquilo que se descobre e que

---

<sup>15</sup> Ibid., p.203.

<sup>16</sup> ZARADER, M., *Heidegger e as palavras da origem*, p. 231.

<sup>17</sup> GADAMER, H., *Pensar e poetar em Heidegger e Hölderlin, Hermenêutica em Retrospectiva: Heidegger em retrospectiva*, p. 123.

estava velado também é ao mesmo tempo preservado como o que é abrigado na medida em que retorna à palavra. Por isso o dizer é: “ ao mesmo tempo esse combate para conservar na presença o que em qualquer instante pode retirar-se na ausência – ausência que, no entanto, não é a nulidade do nada, mas a reserva do ser.”<sup>18</sup>

E se agora, seguindo os apontamentos de Heidegger, podemos vislumbrar a explosão que ocorreu para os gregos, mas que subitamente se extinguiu, podemos também, assim como fez o pensador, avançar mais uma vez pelo desconhecido, e, desse modo, tentar pensar o impensado que assim permaneceu durante a própria fulguração do ser. O pensamento do ser não se realiza somente por um retorno, mas principalmente por uma exposição inicial ainda por acontecer. Daí o encontro de Heidegger com a poesia. Este encontro entre habitantes de montanhas separadas por um abismo.

### Linguagem como linguagem.

A discussão tradicional sobre a linguagem ocorre, como não poderia deixar de ser, no âmbito da metafísica, isto é, toma-se sempre a linguagem como um objeto. Mas, para Heidegger, a linguagem não pode de modo algum ser considerada um objeto para o pensamento caso este queira realmente alcançar o que é próprio da linguagem. Neste sentido, tornou-se totalmente infrutífero para o pensamento falar sobre a linguagem. Aliás, o homem só pode fazê-lo porque parte sempre do princípio de que a linguagem é um instrumento de comunicação que ele possui.

No entanto, no intuito de romper com esta concepção que se resume na fórmula corrente, “O homem fala”, Heidegger diz: “A linguagem fala”<sup>19</sup> Daí tem-se que é o pensamento que está a serviço da linguagem e não o contrário. Desse modo, o homem não pode ser o sujeito e nem o senhor da linguagem. Por isso, para pensar a linguagem é preciso penetrar na fala da linguagem e não na fala do homem. Somente assim é possível alcançar o âmbito no qual a linguagem nos confia de fato o seu modo de ser.

<sup>18</sup> ZARADER, M., *Heidegger e as palavras da origem*, p. 233.

<sup>19</sup> HEIDEGGER, M., *A linguagem, A caminho da linguagem*, p.9.

Chega-se aqui mais uma vez à questão da escuta, pois, se é a linguagem que fala, então o homem só pode falar à medida que escuta a linguagem tanto no sentido da audição como no sentido da obediência e da pertença. Na verdade, segundo o filósofo, o dizer dos mortais é essencialmente resposta. Portanto, podemos dizer que pensar a linguagem é também pensar acerca da poesia e do poético, pois, como já sabemos, é na poesia que este diálogo se inicia.

Para Heidegger uma coisa é o conhecimento científico e filosófico sobre a linguagem e outra coisa é a experiência que fazemos com a linguagem:

Fazer uma experiência com algo, seja com uma coisa, com um ser humano, com um deus, significa que este algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma.<sup>20</sup>

Fazer aqui não tem o sentido de produzir, mas, sim, de sofrer e receber, ou seja, fazer uma experiência com a linguagem significa deixar-se tocar propriamente pela linguagem. Na experiência com a linguagem é a própria linguagem que vem à linguagem. Dessa maneira, toda vontade de conhecimento deve ser abandonada.

É também neste sentido que o homem pode se tornar mortal, pois mortais são aqueles capazes de fazer a experiência da morte como morte. Em *Ser e tempo*, Heidegger afirma que a liberação antecipadora para a própria morte liberta do perder-se nas possibilidades ocasionais e abre para a existência como extrema possibilidade a tarefa de sua propriedade, rompendo assim todo e qualquer enrijecimento da existência já alcançada. A finitude descarta o absoluto e a totalização superadora do fim por meio do intelecto como nos diz Benedito Nunes em *Passagem para o poético*: “Afirmar que o *Dasein* é finito significa que ele não é no fundo dono de si mesmo”<sup>21</sup>

Ora, no caso da linguagem a entrega se traduz numa experiência. E a experiência, como já foi visto aqui, não é conhecimento no sentido corrente do termo. A experiência é antes de tudo acolhimento. Portanto, se conhecer é submeter a coisa à representação, ter uma experiência é submeter-se ao que é. Mas, segundo Marlène Zarader, se submeter-se a vontade de conhecimento dá lugar ao cuidado de uma experiência, então a própria noção de essência se esvai

<sup>20</sup> HEIDEGGER, M., A essência da linguagem, *A caminho da linguagem*, p.9.

<sup>21</sup> NUNES, B., *Passagem para o poético*, p. 156.

ou pelo menos exige ser repensada numa perspectiva outra da metafísica.<sup>22</sup> E por isso a seguinte pergunta se impõe: Afinal, o que é visar à essência da linguagem?

O filósofo propõe para responder a esta pergunta uma outra escuta quando se refere à meditação em questão. A formulação que dá título ao ensaio ganha uma nova versão, a saber: “A essência da linguagem: A linguagem da essência.” Como foi dito anteriormente, já não estamos no âmbito do conhecimento de um determinado objeto, mas sim no âmbito de uma experiência, portanto só concebemos aquilo que a linguagem é quando penetramos no que o sinal de dois pontos nos entreabre. E, segundo Heidegger, o que ele nos entreabre é a linguagem da essência. Nessa formulação a essência tem o papel de sujeito cujo próprio é a linguagem. Assim, a palavra essência não significa mais o que uma coisa é; pensada desse modo, a essência designa o vigor daquilo que nos concerne. Quer dizer que, ao invés de tentar em vão chegar à linguagem falando sobre ela, trata-se, sobretudo, de compreender que só é possível falar a partir da linguagem, pois já nos encontramos desde sempre na linguagem mais do que em nenhum outro lugar. No entanto, um caminho se faz necessário, visto que é somente caminhando que podemos ser conduzidos ao que é e, ao mesmo tempo, ao próprio autêntico.

O caminho que o homem precisa percorrer para pensar a linguagem não pode justamente conduzir senão para aonde já estamos. Ser, linguagem e origem - nada disso está em outro lugar e, no entanto, a única tarefa do pensar é tentar chegar lá. Torna-se imprescindível, então, que o homem escute a linguagem quando ela fala. E para Heidegger a linguagem fala primeiramente no poema.

É verdade que habitualmente pensamos que a poesia é apenas uma modalidade particular da linguagem. Mas isso só ocorre porque o homem continua preso à representação metafísica da linguagem como instrumento e da arte como matéria que recebeu a marca de uma forma.<sup>23</sup> Para o pensador, é a poesia que torna possível a linguagem:

---

<sup>22</sup> Cf. ZARADER, M., *Heidegger e as palavras da origem*, p.241.

<sup>23</sup> O pensamento heideggeriano constitui uma ruptura radical com a estética, na medida em que põe a obra e não mais o sujeito, seja ele receptivo ou criativo, no centro da gravidade da arte. Para ele, o artista está na origem da obra, mas a obra está na origem do artista. Assim, o princípio da arte não está na capacidade do artista, mas sim na efetividade da obra. Por isso, é preciso para pensar a arte partir sempre da obra.

Poesia nunca é propriamente apenas um modo mais elevado da linguagem cotidiana. A contrário. É a fala cotidiana que consiste num poema esquecido e desgastado, que quase não mais ressoa.<sup>24</sup>

Em “De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador” o pensador pergunta para o japonês se há na língua japonesa alguma palavra para linguagem. Para o japonês, também o mundo japonês parece não prestar atenção a esta questão. Então, ele mergulha numa longa meditação para tentar responder à pergunta, tal a sua relevância. E, após longa meditação, o japonês diz que há uma palavra japonesa para linguagem que diz mais a essência da linguagem do que a língua e a fala.

Para Heidegger, a essência da linguagem não pode ser nada de lingüístico. É neste sentido que Na *Carta sobre o humanismo*, Heidegger chama a linguagem de “casa do ser”. Esta formulação, segundo o filósofo, pretende dizer a essência da linguagem sem fornecer um conceito, pois, para o filósofo, não é possível definir a linguagem com um conceito. Mas isso não significa que não se possa pensá-la. Heidegger não tem em mente na formulação “casa do ser” o ser dos entes representado metafisicamente, a essa altura ele se refere ao vigor do ser, precisamente à duplicidade entre ser e ente, à duplicidade enquanto cabe pensar. A formulação “casa do ser” nunca pode se tornar uma fórmula, ou melhor, um x que pode ser substituído por qualquer valor. Assim como uma jarra não pode ser apenas um objeto que recebe uma substância.<sup>25</sup> A casa é o lugar onde é possível habitar. A casa é uma morada onde nos demoramos. A casa é também local de reunião onde ser e homem se encontram. Esta casa não é nada mais do que a linguagem. Por isso, para Heidegger, há uma grande diferença entre a palavra que é um aceno e aquela que é apenas um signo, no sentido de simples designação. Com isso, a palavra para linguagem precisa de um amplo espaço de oscilação.

E como o japonês hesita em dizer a palavra e ao mesmo tempo o pensador não deseja de maneira alguma apressá-lo, ele diz:

P - Não quero esconder minha agitação. Até agora foi em vão que procurei uma resposta nos lingüistas, pesquisadores e especialistas. Entretanto, para que sua concentração possa oscilar ao máximo quase sem nenhuma intervenção de sua

<sup>24</sup> HEIDEGGER, M., A linguagem, *A caminho da linguagem*, p.9.

<sup>25</sup> Cf. Id., M., A coisa, *Ensaio e conferências* 2002.

parte, troquemos de papel. Agora sou eu quem responde sua pergunta sobre o hermenêutico.<sup>26</sup>

Heidegger mais uma vez recorre à etimologia. *Hermeneuein* é a palavra grega para interpretar e *hermeneia* é a palavra grega para interpretação. Aqui Heidegger também considera a associação da palavra com Hermes, o mensageiro dos deuses. Na mitologia grega, Hermes traz a mensagem do destino e, segundo Heidegger, ἑρμηνεύειν é a exposição que dá notícia, à medida que consegue escutar uma mensagem. Assim, para o pensador hermenêutica não significa apenas interpretação, mas antes diz: trazer mensagem e dar notícia. Platão no diálogo *Íon* chama os poetas de *hermenes*, ou seja, intérpretes dos deuses, ou melhor, mensageiros dos deuses.

O sentido originário da palavra hermenêutico ajudou o filósofo a caracterizar o pensamento fenomenológico. Este pensamento trata, sobretudo, de fazer aparecer o ser dos entes, mas não de acordo com a metafísica e sim de maneira a deixar aparecer o próprio ser. E a linguagem é o que carrega a referência do homem com a duplicidade entre ser e ente. Portanto, é a linguagem que determina a relação hermenêutica.

Nessas condições, perguntar pela palavra capaz de dizer o que se chama linguagem e perguntar pelo hermenêutico são a mesma coisa. Pois cada palavra deve ser pesada em todo o seu próprio peso e mais ainda em todo o seu peso velado, em sua maior parte, visto que, na tentativa de meditar a essência da linguagem, a conversa sempre fala a partir do reconhecimento de um passado vigente e desse modo sempre procura trazer e recolher o que o passado guarda e protege. A hermenêutica em que pensa Heidegger é aquela capaz de interpretar a palavra sem a esgotar.

E assim, depois de muita hesitação o japonês finalmente revela a palavra japonesa para “linguagem”:

J - Porque o senhor me escuta, ou melhor, porque o senhor escuta as indicações intuitivas que proponho, nasce em mim uma confiança para deixar de lado a hesitação que até agora me impediu de responder a sua pergunta.

---

<sup>26</sup> HEIDEGGER, M., De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador, *A caminho da linguagem*, p.95.

P- O senhor se refere à pergunta sobre a palavra da língua japonesa para dizer o que nós europeus chamamos de “linguagem”?

J –Até agora tive medo de dizer a palavra porque teria que fazer uma tradução. A tradução faria com que nossa palavra se apresentasse como um simples ideograma no âmbito da representação dos conceitos. Pois é assim que a ciência européia e sua filosofia apreendem a essência da linguagem.

P – Qual é a palavra japonesa para a “linguagem”?

J - É *koto ba*.

P - Mas o que diz ela?

J - *Ba* evoca as folhas, sobretudo as folhas da floração. Pense na floração da cerejeira e da ameixeira.

P - E o que diz *koto*?<sup>27</sup>

*Koto* seria o vigor do acontecimento e, também, o vigor daquilo que recomenda a proteção de tudo que floresce e desabrocha. Mas o pensador da mesma forma pensa ter encontrado uma palavra para linguagem:

J - Que palavra o senhor emprega?

P - A palavra “saga”. Indica e significa o dizer, o dito e o que deve ser dito.

J - O que significa dizer?

P - Presumivelmente, o mesmo que mostrar, no sentido de deixar aparecer e brilhar, mas nos movimentos de acenar.

J - A saga não é, portanto, um termo que diga a fala e a linguagem humana...

P – e sim a vigência com que nos acena a palavra japonesa *koto ba*. O que se diz na e pela saga.<sup>28</sup>

No entanto, Heidegger afirma que o caminho para a linguagem é longo e não porque conduz para a distância, mas porque passa pela vizinhança, muitas vezes desconhecida: “Folhas da florescência vindas de *Koto*. A imaginação quer vagar por mundos desconhecidos tão logo a palavra dá início a sua saga.”<sup>29</sup> Mas quem poderá compreender desse modo a essência da linguagem num tempo em que a linguagem se torna sigla e senha e a comunicação ainda mais eficiente? Pergunta o pensador. E de outro lado está o poeta, este que é o artista da palavra

<sup>27</sup> Ibid., p.111.

<sup>28</sup> Ibid., p.113.

<sup>29</sup> Ibid.

capaz de criar ao mesmo tempo imagem e música com a linguagem. Assim fez como poucos a poetisa Sylvia Plath no poema “Danças Noturnas”<sup>30</sup>:

Um sorriso caiu na relva.

Irrecuperável!

E como vão se perder

Suas danças noturnas? Na matemática?

Estas espirais e saltos puros-

Viajam pelo mundo

Para sempre, e não me sentarei

De todo esvaziada de belezas, o presente

De sua suave respiração, a grama úmida,

O aroma de seus sonhos, lírios, lírios.

Sem relação com sua carne.

Dobras frias do ego, o copo-de-leite,

E o tigre, se enfeitando todo-

Pintas, e um espalhar de pétalas quentes.

Os cometas

Têm tanto espaço para percorrer,

Tanta frieza, esquecimento.

Teus gestos se lascam –

Mornos e humanos, sua luz rósea

---

<sup>30</sup> Este poema foi traduzido por Rodrigo Garcia Lopes & Maria Cristina Lenz de Macedo. Cf. PLATH, S., *Ariel*, p. 73.

Sangrando e descascando

Pelas negras amnésias do céu.

Por que me dão

Estas lâmpadas, estes planetas

Caindo como bênçãos, como flocos

Com seis lados, brancos

Sobre meus olhos, meus lábios, meus cabelos

Tocando e derretendo

Lugar nenhum.<sup>31</sup>

A dança noturna é a dança do poeta. Ele dança com as palavras. Estas espirais e estes saltos puros, estas lâmpadas e estes planetas caindo como bênçãos, como flocos de neve sobre os olhos, sobre os lábios e sobre os cabelos do poeta, tocando e derretendo lugar nenhum e, ao mesmo tempo, desfazendo tudo que é habitual. O poeta aprendeu sempre a renunciar, pois só assim as palavras podem perder o traço utilitário do cotidiano e ganhar o frescor do primeiro dia. A renúncia consiste, portanto, na prontidão para um outro relacionamento: “Em sua renúncia, o poeta abdica de sua relação anterior com a palavra. Só isso? Não, abdicando, algo se lhe anuncia, um chamado, que o poeta não pode mais recusar.”<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> A smile fell in the grass/ Irretrievable!/And how will your night dances/ Lose themselves. In mathematics?/Such pure leaps and spirals----/Surely they travel/The world forever, I shall no entirely/Sit emptied of beauties, the gift/Of your small breath, the drenched grass/Smell of your sleeps, lilies, lilies./Their flesh bears no relation./Cold folds of ego, the calla./And the tiger, embellishing itself--/Spots, and a spread of hot petals./ The comets/ Have such a space to cross./Such coldness, forgetfulness./So your gestures flake off---/Warm and human, then their pink light/Bleeding and peeling/Through the black amnesias of heaven./Why am I given/These lamps, these planets/Falling like blessings, like flakes/Six-sided, white/On my eyes, my lips, my hair/Touching and melting/ Nowhere.

<sup>32</sup> HEIDEGGER, M., A essência da linguagem, *A caminho da linguagem*, p.129.